



Desafios dos professores em instituições de ensino convencional diante das avaliações internas de estudantes com transtorno do espectro autista no ciclo dois do ensino fundamental

Challenges faced by teachers in conventional educational institutions in the face of internal assessments of students with autism spectrum disorder in cycle two of elementary school

Lindalva Ferreira Mendonça¹

Submetido: 04/06/2024 Aprovado: 18/07/2024 Publicação: 25/07/2024

RESUMO

O objetivo do artigo consistiu-se em analisar os meios pelos quais os professores de escolas de ensino convencional podem aprimorar a abordagem das avaliações internas de estudantes com transtorno do espectro autista no ciclo dois do ensino fundamental. O método adotado foi a pesquisa bibliográfica utilizando artigos, publicações científicas e livros, e os dados analisados pela abordagem qualitativa de natureza descritiva. Os resultados descreveram estratégias pedagógicas inclusivas propostas para os alunos com o transtorno, destacando os impactos das adaptações em suas avaliações internas e a importância dos cursos de formação continuada no transtorno do espectro autista para os professores. Dessa maneira, chegou a conclusão de que essas iniciativas são essenciais para promover uma educação mais inclusiva e eficaz no ciclo dois do ensino fundamental.

Palavras-chave: Inclusão. Avaliação. Autismo.

ABSTRACT

The aim of the article was to analyse the ways in which teachers in mainstream schools can improve their approach to internal assessments of students with autism spectrum disorder in cycle two of primary school. The method adopted was bibliographical research using articles, scientific publications and books, and the data was analysed using a qualitative approach of a descriptive nature. The results described the inclusive pedagogical strategies proposed for students with the disorder, highlighting the impact of the adaptations on their internal assessments and the importance of continuing training courses on autism spectrum disorder for teachers. In this way, it came to the conclusion that these initiatives are essential to promote a more inclusive and effective education in cycle two of primary school.

Keywords: Inclusion. Assessment. Autism.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS, Assunção – Py.
pra.lindalvadejesus@hotmail.com.

1. Introdução

O processo de ensino-aprendizagem para estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ciclo dois do ensino fundamental representa um desafio significativo, mas também uma oportunidade para desenvolver práticas educacionais mais inclusivas e eficazes. A necessidade de uma abordagem individualizada é fundamental para atender às diversas necessidades, habilidades e interesses desses alunos. A criação de um Plano de Educação Individualizado (PEI), elaborado em conjunto com pais, profissionais de saúde e especialistas em educação especial, é essencial para proporcionar o suporte necessário.

O reconhecimento e o respeito pelas diferenças individuais são pilares dessa abordagem. Quando os alunos são incentivados a aprender com as experiências uns dos outros, a sala de aula se transforma em um ambiente de enriquecimento mútuo. Isso não só promove uma compreensão mais profunda das diversas perspectivas, mas também ajuda a combater o estigma e a discriminação, fomentando um ambiente mais inclusivo e empático.

O papel dos professores é crucial na criação de um ambiente de aprendizagem calmo, previsível e estruturado. Minimizar estímulos sensoriais excessivos é vital para evitar distrações e desconfortos que possam afetar negativamente o processo de aprendizagem dos alunos com TEA. A utilização de métodos de comunicação alternativos, como pictogramas, pranchas de comunicação ou tecnologias assistivas, é uma estratégia eficaz para facilitar a expressão e a compreensão, adaptando-se às necessidades específicas de cada aluno.

A adaptação e a flexibilidade do currículo são necessárias para atender às particularidades dos alunos com TEA. Oferecer atividades diferenciadas e recursos de apoio, junto com estratégias de ensino estruturado, como rotinas visuais, a quebra de tarefas em passos menores e o uso de reforço positivo, são práticas que podem promover um maior engajamento e compreensão dos alunos.

Outro aspecto crucial é a promoção de oportunidades para a interação social e o desenvolvimento de habilidades sociais. Atividades em grupo, jogos cooperativos e projetos colaborativos não apenas ajudam no desenvolvimento social, mas também na construção de uma comunidade escolar mais inclusiva. É igualmente importante que os educadores recebam formação contínua e apoio, de modo a desenvolver competências em educação inclusiva e entender melhor as necessidades dos alunos com TEA.

Fomentar um ambiente escolar onde a diversidade é valorizada e a aceitação e a empatia são promovidas entre todos os alunos é fundamental. Implementar essas estratégias de maneira integrada e colaborativa pode criar um ambiente de aprendizagem que não só atende às necessidades dos alunos com TEA, mas também promove seu pleno desenvolvimento acadêmico,

social e emocional. Isso resulta em uma educação mais justa e equitativa, beneficiando todos os envolvidos no processo educacional. Por isso, buscou-se responder o seguinte problema: Como os professores de escolas de ensino convencional podem melhorar a abordagem das avaliações internas de estudantes com transtorno do espectro autista no ciclo dois do ensino fundamental?

A escolha da temática desse artigo foi relevante, uma vez que existia uma escassez de estudos que se aprofundassem especificamente nas percepções dos professores em relação ao autismo. Destacar a singularidade dessa pesquisa contribuiu para preencher essa lacuna no conhecimento, proporcionando uma visão mais abrangente e aprofundada sobre como percebem e lidam com alunos em suas salas de aula.

O objetivo geral do artigo consistiu-se em analisar os meios pelos quais os professores de escolas de ensino convencional podem aprimorar a abordagem das avaliações internas de estudantes com transtorno do espectro autista no ciclo dois do ensino fundamental.

Em relação aos objetivos específicos, buscou-se: identificar estratégias pedagógicas para melhorar a inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista em escolas de ensino convencional; descrever o impacto da adaptação do ambiente de avaliação para atender às necessidades desses estudantes; e, avaliar como a formação continuada dos professores pode ser aprimorada para promover uma abordagem mais inclusiva nas avaliações internas desses alunos no ciclo dois do ensino fundamental.

2. Materiais e métodos

A pesquisa bibliográfica realizada neste estudo foi crucial para analisar os meios pelos quais os professores de escolas de ensino convencional podem aprimorar a abordagem das avaliações internas de estudantes com transtorno do espectro autista no ciclo dois do ensino fundamental. Utilizando bases de dados acadêmicas reconhecidas e o Google Acadêmico, a busca foi abrangente e atualizada, englobando artigos científicos, dissertações, teses e livros relevantes à temática proposta.

Os critérios de inclusão estabelecidos focaram em estudos que abordavam diretamente tema do artigo. A análise dos dados foi conduzida de forma sistemática e qualitativa, permitindo a identificação das principais abordagens pedagógicas. Esse processo não só proporcionou uma compreensão mais profunda das práticas educacionais inclusivas, mas também contribuiu para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes.

A pesquisa revelou as diferentes maneiras pelas quais a educação adaptou-se às circunstâncias impostas pelo público de estudantes com transtorno do espectro autista, destacando práticas inovadoras e inclusivas que surgiram como resposta aos desafios do ensino

remoto. A sistematicidade e a qualidade da análise garantiram que as conclusões fossem bem fundamentadas.

A pesquisa bibliográfica não apenas explorou a situação atual, mas também forneceu uma base sólida para futuras melhorias nas práticas de ensino e aprendizagem, particularmente das avaliações internas de estudantes com transtorno do espectro autista no ciclo dois do ensino fundamental.

3. Estratégias pedagógicas para melhorar a inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista em escolas de ensino convencional

Estratégias inclusivas para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas de ensino convencional são criadas pelos professores em suas práticas educacionais visando a qualidade e adaptação para atender as necessidades educativas desses alunos e de outros com outras especialidades, exigindo-lhes dedicação para promover a educação inclusiva e o trabalho colaborativo (Camargo et al., 2020).

A entrada do indivíduo na escola deve possibilitar a apropriação da produção, dos instrumentos e modos de produção, bem como da consciência da produção cultural como um todo. Em outras palavras, essa entrada deve permitir a compreensão de que a produção cultural é fruto do pensamento e da ação humanos, estando, assim, sujeita a rupturas e transformações (da Silva Toledo, 2023).

No intuito de delimitar a pesquisa, entende-se como estratégias pedagógicas aqueles métodos e técnicas planejados pelos professores, visando agilizar e facilitar o processo de ensino-aprendizagem. São recursos pedagógicos que se baseiam nas teorias e buscam qualificar o contexto educativo para o perfil dos alunos. As estratégias pedagógicas variam de acordo com o conteúdo ministrado em sala de aula.

Certamente, cada pessoa possui suas próprias habilidades e inteligências diversas em sua individualidade intelectual. Estas capacidades devem ser desenvolvidas e treinadas para alcançar um conhecimento científico de qualidade, pois todos alcançarão algum objetivo (De Andrade; Pontes, 2023). Os professores podem se embasar no uso de aulas expositivas, um método tradicional onde se apresenta o conteúdo de forma estruturada, utilizando recursos visuais, textos e exemplos práticos. Também pode ser utilizado o trabalho em grupo que incentiva à colaboração entre os alunos, permitindo que compartilhem conhecimentos, discutam ideias e solucionem problemas juntos.

O uso de situações reais ou fictícias (estudos de caso) muito contribui para os alunos aplicarem os conceitos teóricos em contextos práticos. Os alunos desenvolvem projetos ao longo

de um período, integrando diferentes áreas do conhecimento e habilidades. Adaptação das atividades e materiais para atender às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. Utilização de ferramentas digitais e recursos online para complementar o ensino e tornar as aulas mais interativas.

Os professores podem também adotar a aprendizagem invertida recurso onde os alunos com TEA estudam o conteúdo em casa, geralmente através de vídeos e leituras, e utilizam o tempo de aula para atividades práticas e esclarecimento de dúvidas. Aplicação de elementos de jogos em contextos educativos para aumentar o engajamento e motivação dos alunos. E incentivo dos alunos a explorarem e descobrirem conceitos por conta própria, promovendo a autonomia e o pensamento crítico.

As estratégias geralmente são escolhidas e combinadas de acordo com os objetivos educacionais, o perfil dos alunos e as circunstâncias específicas de cada situação de ensino. Entre as estratégias destaca-se a elaboração do Plano de Educação Individualizados (PEI) de cada aluno, considerando as adaptações exigidas e realizadas para o aluno com TEA, garantindo que todas as disciplinas contemplem a inclusão (Camargo et al., 2020).

Os PEIs são fundamentais para atender às necessidades específicas de cada aluno com TEA, a globalidade da patologia deve ser entendida pelo professor que acompanha o aluno, e deve ser organizado de maneira a conseguir garantir o entendimento e a colaboração dos pais, dos demais profissionais de saúde, terapeutas e educadores especializados.

No ciclo dois do ensino fundamental, que compreende o 5º ao 9º ano, os professores enfrentam uma série de desafios devido à complexidade do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos com TEA, matriculados em escolas e turmas de ensino regular. Os professores precisam ser capazes de desenvolver as estratégias de ensino destes alunos, para que consigam atender suas necessidades individuais, oferecendo suporte adicional para lutar contra os desafios e como estão avançando na aprendizagem.

Os professores precisam encontrar maneiras de promover motivação em seus alunos apesar das inúmeras dificuldades e problemas latentes. Por isso, no ciclo dois, espera-se que os alunos com TEA interajam com conceitos mais complexos em diversas disciplinas (como: matemática, ciências e língua portuguesa). Os professores enfrentam o desafio de tornar esses conceitos acessíveis e compreensíveis para os alunos, enquanto os desafiam a pensarem de forma crítica e criativa.

No ciclo dois, acontecem com mais frequência, nas realidades escolares, as avaliações padronizadas, importantes à medida que avançam na escola. Os professores sentem inúmeras dificuldades em equilibrar metodologia de avaliação de alunos com TEA com o que vem sendo preconizado nas propostas curriculares das escolas, onde as necessidades individuais dos alunos

são prioritárias e as práticas pedagógicas são adaptadas para garantir um ensino inclusivo e eficaz (Martins; Abreu; Rozek, 2020).

A entrada no ciclo dois passa a demonstrar a redução do envolvimento dos pais na educação dos filhos normais, o que não é uma condição preponderante para os pais e responsáveis dos alunos com TEA. Para os alunos típicos, a autonomia crescente e a complexidade dos conteúdos escolares podem levar a um afastamento natural dos pais em relação ao acompanhamento diário das atividades escolares. No entanto, para os alunos com TEA, a participação dos pais permanece essencial e até se intensifica, devido às necessidades específicas e aos desafios contínuos que esses alunos enfrentam.

Alunos com TEA frequentemente precisam de apoio contínuo em áreas como comunicação, habilidades sociais e organização, que são cruciais para seu sucesso acadêmico e social. A colaboração entre a escola e a família é fundamental para garantir que as estratégias de ensino e intervenção sejam consistentes e eficazes tanto em casa quanto na escola. Os pais de alunos com TEA muitas vezes desempenham um papel ativo na adaptação das avaliações e do currículo, ajudando a identificar as melhores abordagens e intervenções para seus filhos.

Os pais de alunos com TEA muitas vezes precisam ser defensores ativos dos direitos educacionais de seus filhos, garantindo que eles recebam as acomodações e suportes necessários. Manter um acompanhamento próximo do progresso acadêmico e comportamental dos filhos ajuda a identificar rapidamente quaisquer desafios e a ajustar as estratégias de ensino e intervenção conforme necessários. Os professores enfrentam o desafio de manter uma comunicação aberta e eficaz com os pais, incentivando seu envolvimento no aprendizado.

Esses desafios exigem dos professores do ciclo dois do ensino fundamental uma combinação de habilidades pedagógicas, emocionais e sociais, bem como um compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos com TEA. Ao enfrentar esses desafios com criatividade, empatia e dedicação, os professores podem desempenhar um papel crucial no sucesso acadêmico e pessoal de seus alunos.

Estabelecer canais de comunicação abertos e regulares com os pais de alunos com TEA é essencial para compartilhar informações sobre o progresso dos alunos, desafios encontrados e estratégias utilizadas. A inclusão dos pais no processo de tomada de decisões educacionais, como a elaboração de planos educacionais individualizados (PEI), garante que as necessidades dos alunos sejam plenamente atendidas. Oferecer materiais de apoio para os pais pode equipá-los com as ferramentas necessárias para apoiar eficazmente a educação de seus filhos em casa (Gomes; Barby, 2022).

Trabalhar em colaboração com outros profissionais, como terapeutas e psicólogos, pode ajudar a criar um ambiente de apoio mais robusto e integrado tanto na escola quanto em casa.

Enquanto a entrada no ciclo dois pode levar a uma redução do envolvimento dos pais na educação dos filhos típicos, para os alunos com TEA, o envolvimento parental permanece crucial. As escolas e professores devem reconhecer essa necessidade e trabalhar em estreita colaboração com as famílias para garantir que as necessidades dos alunos com TEA sejam plenamente atendidas (Gomes, 2023).

4. Impactos da adaptação do ambiente de avaliação interna para estudantes com transtorno do espectro autista

Considerando a realidade dos alunos com TEA, as abordagens e estratégias de avaliação devem considerar a busca de conhecimento apurado obtidos durante todo o bimestre, ou no transcorrer do ano letivo, dessa maneira, entende-se que a elaboração de uma prova para um aluno com TEA considere abordagem adaptativa, levando em consideração as necessidades específicas e mostre o cuidado e a preocupação dos educadores com os seguintes aspectos:

a) Clareza nas instruções: As instruções devem ser simples, claras e diretas, utilizando linguagem acessível e evitando termos ambíguos ou complexos que possam causar confusão. O professor deve evitar provas com linguagem ambígua ou complexa. Use frases curtas e objetivas para facilitar o entendimento, preferencialmente, que sejam frases apoiadas por suportes visuais (como imagens ou diagramas ou esquemas) para reforçar o entendimento, ajudando-os a reforçar a compreensão das informações apresentadas (Monteiro, 2023);

b) Formato da prova: O professor precisa levar em consideração o formato da prova de maneira que seja acessível para o aluno com TEA. Isso pode incluir ajustes que requeiram mudanças no tipo e no tamanho da fonte usada nas provas para que sejam legíveis aos alunos com TEA, bem como, espaçamento adequado entre as questões e páginas individuais para cada seção da prova, se necessário. E ainda, devem dar preferência por listas numeradas ou marcadores para dividir as etapas ou tópicos principais da prova (Monteiro, 2023).

Ainda sobre o formato das provas, o professor do ensino regular e o professor especialista dos alunos com TEA devem evitar excesso de informações, manter as instruções concisas, focar nos pontos para completar a prova. A elaboração deve considerar dificuldades específicas destes alunos e sempre que possível, oferecer feedback imediato durante a prova, se possível, para esclarecer dúvidas ou fornecer orientações adicionais conforme solicitado pelo aluno (Monteiro et al., 2020);

c) Ambiente de prova: Tanto o gestor, a coordenação pedagógica e os professores devem escolher ambientes tranquilos e previsíveis para a aplicação das avaliações para alunos com TEA, e, sempre que possível, reduzir estímulos sensoriais desnecessários, como ruídos altos ou luzes

brilhantes, que possam distrair ou causar desconforto ao aluno. Selecionar locais silenciosos, longe de áreas movimentadas e barulhentas da escola, ajuda a minimizar distrações e ansiedade.

Por isso, como explicado por Monteiro (2023), é de suma importância controlar a iluminação para evitar luzes muito fortes ou piscantes e minimizar ruídos altos ou inesperados. Isso pode incluir o uso de cortinas para suavizar a luz natural, tapetes para reduzir o eco, e até mesmo fones de ouvido com cancelamento de ruído, se necessário. Manter a consistência no ambiente de avaliação, evitando mudanças repentinas na sala ou nos procedimentos, proporciona um senso de segurança e previsibilidade para os alunos com TEA.

Ainda em relação ao ambiente da prova, durante sua ocorrência, deve-se buscar manter a sala de avaliação organizada, com mobiliário disposto de maneira lógica e espaçosa, para facilitar a mobilidade e o conforto do aluno. Sempre que possível, permitir que o aluno traga objetos familiares que o ajudem a se sentir mais à vontade, como um brinquedo favorito ou um objeto de conforto, e, dessa forma, permitir que eles realizem as provas de maneira mais confortável e eficaz.

d) Tempo estendido: Permita tempo extra para a realização da prova, levando em conta que alunos com TEA podem precisar de mais tempo para processar informações e responder às perguntas. Proporcionar tempo adicional para que o aluno possa se adaptar ao ambiente antes de iniciar a avaliação, ajudando-o a se sentir mais calmo e focado. Então, não apenas se melhorará o desempenho dos alunos, mas também contribuirá para um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo, bem como poderá ajudá-lo a se sentir mais calmo e focado.

Ao se garantir que cada aluno com TEA tenha o tempo necessário para mostrar seu verdadeiro potencial, será possível promover a equidade no processo educacional e respeitar as necessidades individuais de cada estudante. Implementar essas práticas adaptativas demonstra um compromisso com a inclusão e o bem-estar de todos os alunos, criando um ambiente onde eles possam aprender e se desenvolver de maneira plena e integrada (Nonato, 2020).

e) Flexibilidade nas respostas: Se possível, será importante ao professor, ao planejar suas provas para alunos com TEA, oferecer opções flexíveis de resposta, por exemplo, deverá permitir respostas verbais, escritas, gráficas ou mesmo através de tecnologias assistivas, dependendo das habilidades do aluno e do formato da prova. Ao oferecer opções flexíveis de resposta, os professores podem melhor acomodar as diversas habilidades e preferências de cada aluno (Nunes; Barbosa; Nunes, 2021).

Permitir que os alunos respondam oralmente pode ser uma opção válida para aqueles que se comunicam melhor de forma verbal, especialmente em situações em que a escrita possa ser uma barreira. Para alunos que preferem ou se expressam melhor através da escrita, fornecer espaço adequado e tempo suficiente para que possam elaborar suas respostas de forma tranquila.

Oferecer a opção de respostas gráficas permite que esses alunos demonstrem seu entendimento de maneira que lhes seja mais natural.

A utilização de tecnologias assistivas tem se revelado nos últimos anos altamente benéfico, pois, o uso de computadores, tablets, softwares de reconhecimento de voz ou aplicativos específicos ajudam na comunicação e expressão das respostas, que podem fornecer instruções claras e, sempre que possível, acompanhadas de suportes visuais, ajudando os alunos a entenderem o que é esperado em cada tipo de resposta (Oliveira; Aragão, 2024).

Ao implementar essa flexibilidade nas respostas, os professores podem criar um ambiente de avaliação mais inclusivo e adaptado às necessidades individuais dos alunos com TEA, que não apenas ajuda a capturar uma imagem mais precisa do conhecimento e habilidades dos alunos, mas promove experiências de aprendizados mais positivas e justas para todos. A flexibilidade nas respostas em avaliações não só beneficia os alunos com TEA, mas também enriquece a prática pedagógica, incentivando uma cultura de aprendizagem adaptável, inclusiva e justa para todos os estudantes.

f) Feedback construtivo: Após a prova, forneça feedback construtivo de maneira positiva e encorajadora, destacando tanto as realizações quanto as áreas de melhoria que são esperadas pelos professores para os alunos com TEA, pois um feedback bem estruturado pode contribuir significativamente para o desenvolvimento acadêmico e emocional desses estudantes. Espera-se que os professores comecem destacando as realizações e os pontos fortes do aluno, reconhecendo o esforço e os sucessos, por menores que sejam, que poderão construir a autoconfiança e a motivação (Pereira; Coutinho, 2023).

Os professores devem ser o mais objetivo possível em suas colocações, de modo que consigam identificar as áreas que precisam de melhoria, evitando linguagem eivada de ambiguidades que possam confundi-los. Destaca-se ainda a necessidade de oferecer orientações sobre eles podem melhorar o aprendizado e suas notas, e não somente apontar erros. O professor deverá fornecer exemplos concretos e sugestões práticas que o aluno possa aplicar em situações futuras. Por isso, o uso de suportes visuais tende a reforçar esse feedback (Monteiro, 2023).

Os professores devem acompanhar o progresso dos alunos com TEA regularmente e oferecer suporte e orientação conforme necessário, onde o aluno se sinta confortável para discutir suas dificuldades e fazer perguntas. E, também, os professores devem compartilhar esse feedback com os pais ou responsáveis do aluno com TEA, para que se mantenham informados sobre seu progresso, autoavaliação e o desenvolvimento de habilidades de metacognição.

g) Trabalho colaborativo entre professores e profissionais especializados: os professores da sala de ensino regular devem trabalhar em colaboração com profissionais especializados em

educação inclusiva ou com experiência em TEA para orientações específicas e adaptações adequadas. Este trabalho em equipe é essencial para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz para os alunos com TEA.

Os professores regulares e os profissionais especializados devem compartilhar conhecimentos e estratégias sobre as melhores práticas para ensinar alunos com TEA, sempre que possível, dividindo as técnicas de ensino, adaptações curriculares, métodos de comunicação e estratégias de gerenciamento comportamental. As adaptações necessárias devem proporcionar um ambiente de aprendizagem mais acessível e eficaz para os alunos com TEA.

Realizar reuniões regulares entre os professores e os profissionais especializados permite o acompanhamento contínuo do progresso dos alunos. Professores regulares devem participar de formações contínuas sobre educação inclusiva e TEA, oferecidas por especialistas na área. Isso amplia suas habilidades e conhecimentos, capacitando-os a atender melhor às necessidades dos alunos com TEA.

h) Criação de um plano educacional individualizado (PEI): Em conjunto, os professores do ensino regular e os profissionais especializados devem desenvolver e implementar um Plano Educacional Individualizado (PEI) para cada aluno com TEA. Esse plano deve detalhar os objetivos de aprendizagem, as adaptações necessárias e as estratégias de ensino a serem utilizadas. Essa colaboração fortalece a capacidade dos professores regulares dos alunos. Trabalhando juntos, os educadores podem garantir que todos os alunos tenham as oportunidades e os suportes necessários para alcançar seu pleno potencial.

A prova feita para alunos com TEA deve ser cuidadosamente planejada e adaptada para garantir que o processo de avaliação seja justo, inclusivo e eficaz. Ao considerar as necessidades individuais do aluno e implementar ajustes apropriados, é possível proporcionar uma experiência de avaliação que permitirá ao aluno demonstrar seu verdadeiro potencial de aprendizagem. Os dados obtidos com essas avaliações subsidiam a elaboração de políticas e ações educacionais em todos os níveis de gestão, desde o governo federal até a gestão das escolas.

Nesse sentido, os professores são os principais usuários dos resultados dessas avaliações. A dinâmica da educação está em constante evolução, exigindo uma adaptação contínua tanto nas abordagens teóricas quanto metodológicas. Nesse contexto, é essencial que o processo de ensino-aprendizagem opere com um modelo em que o aluno seja protagonista de sua própria jornada educacional. O ensino deve estar em sintonia com as demandas da sociedade, reconhecendo a interconexão entre escolas, alunos e formação de cidadãos.

Nesse cenário, torna-se cada vez mais evidente a importância e a relevância da avaliação, bem como a necessidade de atentar para sua efetividade. Além de ser um componente essencial do processo de ensino, a avaliação pode servir como uma ferramenta para aprimorar a maneira

dos professores planejarem adequadamente as avaliações para atender também os alunos TEA. Portanto, o reconhecimento da aplicabilidade da avaliação e o foco na sua efetividade destacam-se como aspectos fundamentais no contexto da educação inclusiva.

Há uma década, os professores frequentemente recorriam a provas e exames como principal ferramenta para monitorar o desempenho dos alunos. Esses métodos muitas vezes se baseavam em memorização e repetição, com quizzes que enfatizavam a capacidade dos alunos de responder a perguntas prontas e repetitivas. Nesse contexto, hoje a avaliação na educação inclusiva deixou de ser realizada somente a prova e classificação dos alunos com base em respostas corretas e incorretas. Hoje, passou a ser uma ferramenta para orientar o processo de ensino-aprendizagem que não mais se limita apenas a aplicação de provas.

Então, atualmente a avaliação é dinâmica e contínua, que considera o progresso e as particularidades de cada aluno. Essa mudança de perspectiva reflete uma evolução ampla na compreensão do papel da educação no contexto atual. Anteriormente, o foco estava muitas vezes na transmissão de conteúdos e na preparação para avaliações padronizadas. No entanto, à medida que a sociedade evoluiu e as demandas do mercado de trabalho mudaram, tornou-se necessário adotar uma abordagem de avaliar centrando-se no rendimento dos alunos.

Nesse contexto, a habilidade do professor em conduzir essas avaliações se torna uma extensão das práticas diárias em sala de aula e reflete o desenvolvimento intelectual dos alunos. No entanto, para os alunos com TEA e outros estudantes com necessidades específicas, as avaliações padronizadas podem representar desafios adicionais. As adaptações garantem que esses alunos tenham a oportunidade de demonstrar seu verdadeiro potencial, independentemente de suas diferenças individuais. Isso não apenas apoia o sucesso acadêmico dos alunos com TEA, mas também promove uma cultura de equidade e respeito pela diversidade na sala de aula.

5. Abordagem para TEA nas avaliações internas na formação continuada

Os cursos e programas de formação continuada em educação inclusiva e TEA passam a ser abordados nesse momento, considerando-se o seu papel no desenvolvimento profissional dos professores para realizar o trabalho educacional dos alunos que compõem a sua realidade escolar, então, são propostas de formação que visam a capacitação, a atualização e a compreensão da diversidade e das especialidades que compõem a sala de aula.

Sewald; Portelinha; Rocha (2023) entenderam que a formação de professores reflete os movimentos políticos e sociais da sociedade, pois tanto a formação inicial quanto a continuada são influenciadas por esses contextos, que impactam diretamente a organização do trabalho pedagógico nas escolas. A diversidade presente nas salas de aula brasileiras demanda dos

professores uma preparação que considere as particularidades de cada aluno, adaptando o ensino para atender às suas necessidades individuais.

A heterogeneidade dos estudantes, que inclui desde diferenças socioeconômicas até variações de aprendizagem, exige dos professores um conjunto diversificado de conhecimentos e estratégias pedagógicas. A inclusão de alunos com deficiência no ensino regular é um exemplo claro dessa diversidade, exigindo dos educadores adaptações curriculares e métodos de ensino que promovam a participação plena de todos os estudantes.

Nesse contexto, a formação de professores não se limita apenas à transmissão de conteúdos acadêmicos, mas também prepara-os para lidarem com a complexidade do ambiente escolar contemporâneo. É essencial que os programas de formação ofereçam tanto os conhecimentos teóricos quanto as habilidades práticas necessárias para promover uma educação inclusiva e de qualidade, capaz de atender às necessidades variadas do alunado.

Quando há a inclusão de alunos com deficiência no ensino regular, existe também a necessidade de os professores terem formação para desenvolverem seu trabalho com esses alunos, pois é importante que os mesmos conheçam os aspectos da deficiência dos educandos para elaborarem um planejamento de aula personalizado, a fim de desenvolverem as adaptações necessárias para que os estudantes com deficiência aprendam os conteúdos curriculares de acordo com seu nível de aprendizagem (Sewald; Portelinha; Rocha, 2023, p. 3).

Desde 1994, o Brasil assumiu o compromisso de adotar a educação universal e inclusiva, ao se tornar signatário da Declaração Mundial de Educação para Todos, seguido pela Declaração de Salamanca realizada na Espanha, documentos com diretrizes à construção da educação especial sob a perspectiva da inclusão. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE), estabelecida em 2008, consolidou como população-alvo pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, reafirmados na Lei n.º 9.394/1996 (Brasil, 1996) e Lei n.º 12.796/2013 (Brasil, 2013).

Esses marcos legais e internacionais representam um avanço significativo na promoção da igualdade educacional e na garantia de acesso à educação de qualidade para todos os brasileiros, independentemente de suas características individuais. A adoção da perspectiva inclusiva não apenas reconhece a diversidade como um valor, mas também estabelece bases sólidas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde cada aluno tenha a oportunidade de desenvolver seu potencial máximo dentro do sistema educacional.

Para Jochem (2022), para atuar na área da educação inclusiva, é essencial que o professor tenha formação inicial e continuada, que deve incluir conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos para atuação no AEE. O professor especialista precisa estar preparado para trabalhar em diversos contextos educacionais, que incluem desde as salas de

aula comuns do ensino regular até ambientes mais especializados como: salas de recursos, centros de atendimento educacional especializado, núcleos de acessibilidade em instituições de ensino superior, classes hospitalares e mesmo em ambientes domiciliares.

No que se refere aos objetivos e conteúdos programáticos, constata-se que a maioria das formações atendem a demandas específicas dos professores que atuam em instituições especializadas. Isto é, o objetivo e os conteúdos apresentados nos cursos, em grande parte, estão relacionadas ao trabalho no serviço do AEE, ao segundo professor de turma e a equipes técnicas das APAEs e da própria FCEE, que por sua vez são professores especializados na área da educação especial (Jochem, 2022, p. 20).

A formação deve proporcionar uma base teórica sólida sobre os princípios da educação inclusiva, legislação educacional específica, desenvolvimento humano e métodos pedagógicos adaptativos. Espera-se que o professor adquira habilidades práticas na utilização de recursos e estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem de todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas. A formação continuada desempenha um papel fundamental na atualização desses conhecimentos e na adaptação às novas demandas e descobertas na área da educação especial.

A formação do professor de educação especial não se limita apenas à transmissão de conteúdos teóricos, mas deve prepará-lo para ser um agente de transformação capaz de proporcionar serviços e recursos educacionais que garantam o desenvolvimento integral e inclusivo de todos os alunos que necessitam de apoio especializado. Esses programas de formação contínua são essenciais para capacitar os educadores a atenderem às necessidades específicas dos alunos com TEA, promovendo uma educação inclusiva e de alta qualidade para todos.

A formação adequada dos professores para a inclusão de alunos com TEA na classe de ensino regular é crucial para garantir um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e de qualidade. No entanto, enfrenta-se desafios significativos, como a carga excessiva de trabalho que muitos professores enfrentam, dificultando sua participação em programas de formação continuada específicos para a educação inclusiva e para o TEA.

A falta de preparo docente para lidar com as necessidades diversificadas dos alunos com TEA nas salas de ensino regular é uma preocupação frequente apontada em estudos e produções acadêmicas. Essa lacuna evidencia uma desconexão entre a formação inicial recebida pelos professores e as demandas práticas encontradas na sala de aula. Conforme constatado nas pesquisas de Jochem (2022), os professores relatam sentir-se inadequadamente preparados para implementar práticas pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades individuais dos alunos com TEA.

A distância entre a formação teórica oferecida nas instituições de ensino superior e a

prática diária nas salas de aula pode contribuir para essa falta de preparo percebida pelos professores. Muitas vezes, as habilidades e estratégias aprendidas durante a formação inicial não são diretamente aplicáveis às complexidades e desafios encontrados no contexto real das escolas. Para superar esses desafios, é essencial investir em programas de formação continuada acessíveis e eficazes.

É fundamental promover uma cultura escolar que valorize a colaboração entre educadores, compartilhando experiências e melhores práticas que possam enriquecer o ambiente de aprendizagem para todos os estudantes. Somente assim será possível avançar na construção de escolas verdadeiramente inclusivas, onde cada aluno tenha a oportunidade de alcançar seu potencial máximo, independentemente de suas diferenças individuais.

6. Conclusão

Para promover a inclusão efetiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas de ensino convencional, é essencial implementar estratégias pedagógicas específicas que atendam às suas necessidades únicas e facilitem sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. As abordagens detalhadas neste artigo destacaram a importância de práticas adaptativas e personalizadas que considerem os desafios cognitivos, emocionais e sociais enfrentados por esses alunos.

A primeira estratégia, a elaboração e implementação de Planos de Educação Individualizados (PEI), é fundamental para garantir que os alunos com TEA recebam suporte adequado em todas as disciplinas. Os PEIs permitem adaptações específicas que consideram as particularidades de cada aluno, promovendo uma educação inclusiva e colaborativa.

A segunda estratégia, a adaptação do ambiente de avaliação, aborda a necessidade de criar provas que sejam acessíveis e justas para os alunos com TEA. Instruções claras, formatos de prova adaptados, ambientes de avaliação tranquilos, tempo estendido e flexibilidade nas respostas são algumas das práticas que podem ser adotadas para garantir que esses alunos possam demonstrar seu verdadeiro potencial acadêmico.

A terceira estratégia enfatiza a importância da formação continuada para os professores. Capacitar educadores para lidarem com a diversidade e as necessidades específicas dos alunos com TEA é crucial para uma educação inclusiva de qualidade. Programas de formação continuada que ofereçam conhecimentos teóricos e práticos sobre a educação inclusiva e estratégias pedagógicas adaptativas são essenciais para preparar os professores para os desafios do ambiente escolar contemporâneo.

Essas estratégias são complementadas pelo envolvimento ativo dos pais e a colaboração

entre professores regulares e profissionais especializados. A participação dos pais é essencial para o sucesso dos alunos com TEA, oferecendo suporte contínuo e colaborando na adaptação das avaliações e currículos. Trabalhar em equipe com profissionais especializados permite que os professores regulares desenvolvam e implementem práticas pedagógicas eficazes e inclusivas.

A inclusão de estudantes com TEA em escolas de ensino convencional requer um esforço coordenado e contínuo de adaptação e personalização do ensino. Ao adotar estratégias pedagógicas inclusivas, adaptar o ambiente de avaliação e investir na formação continuada dos professores, é possível criar um ambiente escolar que valorize a diversidade, promova a equidade e ofereça oportunidades de aprendizado significativo para todos os alunos. Essas práticas não apenas beneficiam os alunos com TEA, mas também enriquecem a experiência educacional de toda a comunidade escolar, promovendo uma cultura de respeito, compreensão e inclusão.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9394, de 19 de janeiro de 1996.** Adota as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013.** Dispõe sobre a educação especial.

CAMARGO, S. P. H. *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em revista**, v. 1, n. 36, p. 136-159, 2020.

DA SILVA TOLEDO, Raquel. Estratégias e metodologias pedagógicas adotadas para trabalhar a inclusão de autistas em sala regular. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 7, p. 626-635, 2023.

DE ANDRADE, Heloíne Roberta Eloi Moura; PONTES, Edel Alexandre Silva. Uma sugestão metodológica no processo de ensino e aprendizagem de Matemática na Educação Básica: Método RICA (Raciocínio Lógico, Inteligência Matemática, Criatividade e Aprendizagem). **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 7, p. 456-467, 2023.

GOMES, J. dos S. A importância da avaliação pedagógica no contexto escolar em crianças com TEA. **Revista Primeira Evolução**, v. 1, n. 42, p. 39-48, 2023.

GOMES, Kelly Maria Lopes Ribeiro; BARBY, Ana Aparecida de Oliveira Machado. Coensino, ensino colaborativo e docência compartilhada na inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. **Educação em Revista**, v. 23, n. 1, 2022.

JOCHER, Bruna. Formação continuada de professores no estado de Santa Catarina sobre o TEA. **REIN! Revista Educação Inclusiva**, v. 6, n. 2, p 1-12, 2022.

MARTINS, G. D.; ABREU, G. V.; ROZEK, M. Conhecimentos e crenças de professores sobre a educação inclusiva: revisão sistemática da literatura nacional. **Educação em Revista**, v. 1, n. 37, p. 1-20, 2020.

MONTEIRO, R. C. *et al.* Percepção de Professores em Relação ao Processamento Sensorial de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 4, p. 623-638, 2020.

MONTEIRO, Suze Martins Franco. **Revisão sistemática da literatura sobre a utilização da proposta de Integração Sensorial de Ayres para as pessoas com o transtorno do espectro do autismo**. 2023. 104 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia, Comunicação e Educação)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

NONATO, Aline Angélica Lima. **O trabalho colaborativo na formação contínua de professores dos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola pública de Barueri**. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

NUNES, Débora Regina de Paula; BARBOSA, João Paulo da Silva; NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, n. espec., p.655-672, 2021.

OLIVEIRA, C. R.; ARAGÃO, G. F. A experiência da professora do Atendimento Educacional Especializado na inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 4, n. 2, p. 203-215, 2024.

PEREIRA, C.; COUTINHO, D. Práticas pedagógicas na educação inclusiva no Brasil: sistemática revisão (2008-2018). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 7, p. 236–245, 2023.

SEWALD, Silvana; PORTELINHA, Ângela Maria Silveira; ROCHA, Margarete Matesco. A formação de professores e a organização do trabalho pedagógico: desafios para educação dos alunos com TEA . **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, v. 25, n. 1, p. 1-19, 2023.